

A genealogia do desejo na *História da sexualidade* de Michel Foucault

The genealogy of desire in Michel Foucault's *History of sexuality*

Antônio Alex Pereira de Sousa

<https://orcid.org/0000-0003-0200-5879> - E-mail: alexsousa.filosofia@gmail.com

Cristiane Maria Marinho

<https://orcid.org/0000-0003-4958-0299> - E-mail: cmarinho2004@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a constituição histórica do desejo na obra *História da sexualidade* de Michel Foucault, composta por quatro volumes: *A vontade de saber* (1976), *O uso dos prazeres* (1984), *O cuidado de si* (1984) e *As confissões da carne* (2018). O estudo argumenta que, para Foucault, o desejo não é uma essência universal ou natural, mas uma construção histórica, variável conforme os regimes de verdade de cada época. Por meio de uma abordagem genealógica, o filósofo investiga como o desejo foi progressivamente medicalizado, psiquiatrizado e moralizado na modernidade, transformando-se em um operador central dos dispositivos de sexualidade. Em contraste, na antiguidade greco-romana, os prazeres ocupavam papel ético, sendo regulados por práticas de si e não por dispositivos normativos centrados no desejo. Ao percorrer os quatro volumes da obra, o texto mostra como Foucault desnaturaliza a sexualidade e oferece ferramentas críticas para problematizar os modos contemporâneos de subjetivação, especialmente em relação às sexualidades dissidentes. A investigação evidencia, assim, a relevância de uma história crítica do desejo para desativar os mecanismos que sustentam normas e exclusões nas sociedades modernas.

Palavras-chave: Michel Foucault. Desejo. Genealogia. História da sexualidade.

ABSTRACT

This article examines the historical constitution of desire in Michel Foucault's *The History of Sexuality*, a work comprising four volumes: *The will to knowledge* (1976), *The use of pleasure*

(1984), *The care of the Self* (1984), and *Confessions of the flesh* (2018). The study argues that, for Foucault, desire is not a universal or natural essence but rather a historical construct, varying according to each era's regimes of truth. Through a genealogical approach, the philosopher investigates how desire was progressively medicalized, psychiatrized, and moralized in modernity, becoming a central operator in the dispositifs of sexuality. In contrast, in Greco-Roman antiquity, pleasures held an ethical role, regulated by practices of the self rather than by normative dispositifs centered on desire. By analyzing the four volumes of the work, the text demonstrates how Foucault denaturalizes sexuality and provides critical tools to problematize contemporary modes of subjectivation, particularly concerning dissident sexualities. The investigation thus highlights the relevance of a critical history of desire in dismantling the mechanisms that sustain norms and exclusions in modern societies.

Keywords: Michel Foucault. Desire. Genealogy. History of Sexuality.

Introdução

A obra *História da sexualidade* de Michel Foucault oferece uma das mais importantes investigações sobre a constituição da experiência sexual no Ocidente, colocando o desejo como noção central. Ao longo dos quatro volumes – *A vontade de saber* (1976), *O uso dos prazeres* (1984), *O cuidado de si* (1984) e *As confissões da carne* (2018) –¹, o filósofo demonstra que o desejo não é uma essência a-histórica e universal, mas uma experiência que assume formas distintas em diferentes regimes de verdade. Foucault não nega a realidade do desejo – assim como a loucura ou a sexualidade, ele existe –, mas insiste em sua historicidade: seu significado e funcionamento nos jogos de verdade mudam conforme o contexto. Como ele afirma, a conceituação de algo, como o desejo, deve ser compreendida a partir das “condições históricas que [a] motivam” (FOUCAULT, 2013, p. 274). É esse trabalho de situar o desejo em suas práticas discursivas e materiais que Foucault desenvolve em sua *História da sexualidade*.

Na modernidade, noções como consciência, interioridade e personalidade articularam-se ao desejo, permitindo aos mecanismos de poder produzir verdades que classificavam os sujeitos entre normais e anormais. Nos jogos de verdade em que a sexualidade ocupava lugar central, o desejo sexual tornou-se o ponto onde se localizava o desvio da norma. Para Foucault, analisar historicamente o desejo é crucial para compreender como as sociedades modernas regulam corpos e subjetividades. Contudo, sua investigação não se restringe à modernidade: na antiguidade, gregos e romanos não problematizavam o desejo (*epithumia*) como o fazemos hoje, refletindo sobre o uso dos prazeres como parte de uma estética da existência. Enquanto na modernidade o desejo é medicalizado e psiquiatrizado, na antiguidade é o prazer que assume importância na constituição do *êthos*².

Essa diferença revela que o desejo opera como uma realidade de transação – uma noção que, nas palavras de Foucault, surge “precisamente no jogo das relações de poder e do que sem cessar lhes escapa” (FOUCAULT, 2008, p. 404). Se para os gregos o prazer era matéria de uma

¹ As datas mencionadas correspondem ao ano de publicação original das obras. As versões utilizadas nesta pesquisa têm outra data de referência, conforme indicado nas referências bibliográficas.

² Na tradição grega, *êthos* (ἦθος, com eta) refere-se ao caráter individual, moldado pela prática virtuosa, enquanto *éthos* (ἔθος, com épsilon) designa os costumes coletivos. A primeira noção associa-se à ética como formação do sujeito; a segunda, à moral como convenção social. Ver: (CHAUÍ, 2002, p. 340).

ética pessoal, na modernidade ele se torna alvo de dispositivos de controle que o vinculam à identidade e à norma. A genealogia foucaultiana do desejo, assim, não o dissolve como ilusão, mas mostra como o desejo é reconfigurado continuamente pelas lutas que definem os limites do dizível e do vivível em cada sociedade.

Ao percorrer os quatro volumes da *História da sexualidade*, este artigo busca demonstrar como Foucault desloca a análise do desejo de uma perspectiva abstrata para uma investigação concreta de suas condições históricas. Seu trabalho não apenas desnaturaliza a sexualidade, mas oferece instrumentos para questionar os modos como, ainda hoje, o desejo é mobilizado para justificar normas e exclusões – particularmente das sexualidades dissidentes em relação à heteronormatividade. Compreender essa história constitui um passo fundamental para desarmar os mecanismos de poder que seguem a nos definir.

O desejo como problema genealógico

O projeto foucaultiano de uma genealogia do desejo – ou do “homem de desejo” – (FOUCAULT, 2009, p. 11) representa uma abordagem original que articula história e crítica³. Mais do que uma investigação sobre o passado, trata-se de um trabalho histórico do presente, cujo objetivo é desnaturalizar as estruturas que fundamentam nossa compreensão do desejo. Foucault interroga de que modo os saberes surgidos a partir do século XVIII participaram dos processos de objetivação e individuação enquanto transformam o desejo em um objeto de saber e intervenção, permitindo a classificação dos sujeitos entre normais e anormais. Essa problematização permeia suas pesquisas desde a década de 1970 e orienta a elaboração dos quatro volumes da *História da sexualidade*, mesmo que cada um deles aborde perspectivas e problemas diversos.

Como genealogia, o estudo sobre o desejo delineia uma história que permite compreender os elementos formadores dos sujeitos na atualidade. É o que Michel Foucault expressa na introdução de *História da sexualidade II*, ao afirmar: “parecia difícil analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade a partir do século XVIII, sem fazer, a propósito do desejo e do sujeito desejante, um trabalho histórico e crítico” (FOUCAULT, 2009, p. 11).

Os quatro tomos de *História da sexualidade* expõem um diagnóstico de como o desejo esteve implicado nas diversas experiências do pensamento – ou seja, na articulação, em uma determinada cultura, entre os saberes, as instâncias do poder e as formas pelas quais os sujeitos se relacionam consigo próprios (FOUCAULT, 2009, p. 10) –, especialmente no mundo ocidental. No primeiro volume, *A vontade de saber*, Foucault observa o desejo como engrenagem necessária ao funcionamento dos dispositivos de sexualidade. Nove anos mais tarde, pouco antes de falecer, publica o segundo volume, *O uso dos prazeres*, voltando-se especialmente ao contexto da Grécia clássica. A pesquisa que resultaria neste segundo tomo havia sido apresentada em 1981, no *Collège de France*, no curso *Subjetividade e verdade* (FOUCAULT, 2016). Nele, diferentemente dos estudos centrados nos eixos do saber e do poder, característicos das décadas de 1960 e 1970, Foucault dá destaque ao terceiro eixo da experiência: o da relação de si consigo mesmo, entendido como conjunto de técnicas de si, estratégias “que [...] existem em toda civilização, pressuposto ou prescrito aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou

³ A leitura de Ernani Chaves foi importante para a elaboração da reflexão apresentada neste texto. Recomendamos, portanto, a consulta ao artigo: *Do “sujeito de desejo” ao “sujeito do desejo”: Foucault leitor de Santo Agostinho* (2019). Além desse, destacamos também a contribuição do tópico Verdade e desejo, presente no capítulo Verdade e sujeição da verdade, do livro *Foucault e a crítica da verdade* (2010), de Cesar Candiotto, análise fundamental para o aprofundamento das questões discutidas neste artigo.

transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si” (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Os estudos sobre como os homens pensavam sobre si mesmos no contexto greco-romano, tendo como foco os atos sexuais e os prazeres, permanecem em *História da sexualidade III: o cuidado de si*, mas com diferenciações. Se no volume II Foucault deu prioridade à Grécia clássica, no tomo III ele se volta ao período helenístico. Ainda que os temas sexuais – “a natureza do ato sexual, a fidelidade monogâmica, relações homossexuais, castidade” (FOUCAULT, 2009, p. 22) – estejam presentes nas duas obras, bem como no quarto volume, publicado postumamente sob o subtítulo *As confissões da carne*⁴, a forma como são interrogados varia de acordo com o contexto histórico e os referenciais teóricos.

A genealogia do desejo nos quatro tomos de *História da sexualidade*

Publicados em momentos distintos e centrados em problematizações variadas, os quatro tomos de *História da sexualidade* compõem, em seu conjunto, uma genealogia do desejo. Essa genealogia percorre diferentes configurações históricas e culturais do desejo, mostrando como ele é construído e operado por meio de distintas experiências do pensamento – isto é, por meio das articulações entre saberes, práticas de poder e formas de constituição de si. Tal percurso genealógico pode ser compreendido a partir de três grandes eixos diferenciais: no mundo greco-romano, o problema está centrado nos *aphrodisia*; no cristianismo, pela noção de carne; e, na modernidade ocidental, pela sexualidade como matriz discursiva dominante. Ao investigar esses núcleos históricos, Foucault não apenas desnaturaliza o desejo, mas também evidencia os dispositivos que o capturam, regulam e formam os sujeitos. Trata-se, portanto, de uma análise crítica que nos conduz ao presente, pois revela os pontos de maior intensidade dos mecanismos de saber-poder que perpassam as subjetividades.

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Michel Foucault demonstra a positividade que tem o poder enquanto aspecto produtivo, incitador e multiplicador do conhecimento. No caso da referida obra, a sexualidade. Por isso a vontade de saber, de produzir verdades sobre os sujeitos a partir das suas singularidades. No capítulo “A hipótese repressiva”, pondo em xeque a tese da repressão à sexualidade, o filósofo demonstra que, mais do que uma repressão, houve uma “incitação aos discursos”.

A maquinaria que permite tal produtividade em torno dos temas da sexualidade, do sexo e do desejo, foi pormenorizada por Foucault no capítulo “O dispositivo de sexualidade”. Nas páginas finais de *A vontade de saber*, ele argumenta que a ideia de sexo, verificável numa “teoria

⁴ Para constatar a perenidade dos temas, eis o título e o subtítulo de cada capítulo dos volumes II, III e IV da *História da sexualidade*. O **volume II** contém cinco capítulos: I- A problematização moral dos prazeres (1. Aphrodisia, 2. Chrésis, 3. Enkrateia, 4. Liberdade e verdade); II- Dietética (1. Do regime em geral, 2. A dieta dos prazeres, 3. Riscos e perigos, 4. O ato, o dispêndio, a morte); III- Econômica (1. A sabedoria do casamento, 2. A casa de Isômaco, 3. Três políticas da temperança); IV- Erótica (1. Uma relação problemática, 2. A honra de um rapaz, 3. O objeto do prazer); V- O verdadeiro amor. A divisão do **volume III** segue a seguinte ordem: I- Sonhar com os próprios prazeres (1. O método de Artemidoro, 2. A análise, 3. O sonho e o ato); II- A Cultura de si; III- Eu e os outros (1. O papel matrimonial, O jogo político); IV- O corpo (1. Galeno, 2. Seriam eles bons, seriam maus? 3. O regime dos prazeres, 4. O trabalho da alma). V- A mulher (1. O vínculo conjugal, 2. A questão do monopólio, 3. Os prazeres do casamento); VI – Os rapazes (1. Plutarco, 2. Luciano, 3. Uma nova erótica). Por fim, a divisão do **volume IV** da *História da sexualidade*: I- A formação de uma experiência nova (1- Criação, procriação, 2. O batismo laborioso, 3. A segunda penitência, 4. A arte das artes); II- Ser virgem (1. Virgindade e contingência, 2. Artes da virgindade, 3. Virgindade e conhecimento de si). III- Ser casado (1. O dever dos esposos, 2. O bem e os bens do casamento, 3. A libidinização do sexo).

geral do sexo”, ao ser articulada ao desejo, suscita a criação de um princípio de funcionamento do sexo, fundamental para que tal incitação e os mecanismos de poder pudessem funcionar.

Com a criação deste elemento imaginário que é “o sexo”, o dispositivo de sexualidade suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo – desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. Ele constituiu “o sexo” como desejável. E é essa desirabilidade do sexo que fixa cada um de nós à injunção de conhecê-lo, de descobrir sua lei e seu poder; é essa desirabilidade que nos faz acreditar que afirmamos contra todo poder os direitos de nosso sexo quando, de fato, ela nos vincula ao dispositivo de sexualidade que fez surgir, do fundo de nós mesmos, como uma miragem onde acreditamos reconhecer-nos, o brilho negro do sexo (FOUCAULT, 2011, p. 171).

O referido princípio de funcionamento, que tem o desejo como mecanismo indispensável à subjetivação operada pelo dispositivo de sexualidade, permite buscar a inteligibilidade dos sujeitos no “que foi, durante tantos séculos, considerado como loucura; a plenitude de nosso corpo naquilo que, durante muito tempo, foi um estigma e como ferida nesse corpo; nossa identidade, naquilo que se percebia como obscuro impulso sem nome” (FOUCAULT, 2011, p. 171).

A teoria geral do sexo – exemplo do que Michel Foucault nomeia de teoria do sujeito – figura como condição de possibilidade para que a função produtiva do poder seja compreendida. Entre os diversos pontos expostos por Foucault na *História da sexualidade I* – tão pertinentes ao contemporâneo como a biopolítica das populações –, é medular a que alude à produtividade do poder, que, no desejo, têm a sua condição de existência e faz parte desse grande trabalho histórico e crítico, para o filósofo, a genealogia de desejo, ou homem de desejo⁵.

Nos volumes II e III de *História da sexualidade*, diferentemente do I, Michel Foucault sustenta que o desejo não era, na antiguidade greco-romana⁶, um objeto de preocupação ética dos sujeitos como viria a ser no futuro, pois não carregava o sentido que passou a ter com o cristianismo – primordiais à apreensão dos comportamentos desviantes. É o uso dos prazeres que os gregos e romanos tomavam como objeto de atenção, as ações em si, os atos sexuais e os seus respectivos efeitos e correlatos, como o desejo. Esta argumentação é melhor assimilada quando se conhece a noção de desejo do contexto cristão da carne, tema desbravado por Foucault, antes mesmo da escrita de *História da sexualidade II* e III, no que seria o volume IV – *As confissões da carne*⁷.

⁵ O artigo de Giovana Carmo Temple, intitulado *O desejo no pensamento de Michel Foucault: do indivíduo ao sujeito de uma sexualidade* (2020), desenvolve uma singular argumentação sobre a leitura de Michel Foucault em torno da noção de desejo, especialmente nos trabalhos da década de 1970, como o livro *A história da sexualidade I* e os cursos *O poder psiquiátrico* e *Os anormais*. Por esta razão, indica-se a sua leitura para um aprofundamento do estudo sobre a ideia de desejo no primeiro momento desse seu diagnóstico.

⁶ Sobre a noção de desejo na cultura greco-romana, ver os trabalhos de Zeferino Rocha (1999; 2000; 2000b). Em Foucault, além dos textos citados, há uma elaboração importante em *As confissões da carne* na qual ele diferencia a concepção platônica (exemplo da concepção de desejo da Grécia clássica) da agostiniana de desejo: “Enquanto, na concepção platônica, o desejo é portador da marca de uma divisão que põe cada um de nós em busca de um parceiro (seja do mesmo sexo ou do outro), e o defeito é pois a marca do outro, aqui o ‘defeito’ é a degradação e o menos ser que são devidos à falta e que se marcam no próprio sujeito através da forma fisicamente involuntária do seu desejo” (2019, p. 369).

⁷ “É no Outono de 1982 que terão tido lugar a entrega à Gallimar do manuscrito sobre a carne cristã e a transcrição datilografada do texto. Pierre Nora recorda que nessa ocasião Michel Foucault o previne de que, no entanto, a publicação de *As Confissões da Carne* não estará para breve, porque ele decidiu, encorajado por Paul Veyne, fazer preceder esse livro que acaba de mandar transcrever por um volume consagrado à experiência greco-latina dos *aphrodisia*. A vastidão das investigações que acabamos de mencionar será de tal forma que Foucault desdobrá-lo em seu livro nos dois volumes que conhecemos: *O Uso dos Prazeres* e *O cuidado de Si*. O trabalho e a redação destes dois tomos – enquanto, ao mesmo tempo, lança ainda, no Collège de France, um novo de campo de investigação: o estudo da *parrêsia* – fa-lo-ão atrasar-se na leitura de *As Confissões da Carne* e talvez o tenham até desencorajado de encarar a sua refundição. De Março a Maio de 1984, enquanto se conclui o trabalho editorial relativo aos

Dentre os variados temas do livro *História da sexualidade IV: as confissões da carne*, destacam-se a virgindade e o casamento, prática e sacramento essenciais à salvação, segundo os primeiros padres cristãos da Igreja – e que, de certo modo, são tópicos que permanecem vigorosos no hodierno. Nele, Foucault analisa o desejo como um elemento ímpar para a compreensão das forças que nos constituem no presente, dedicando especial atenção ao casamento no capítulo final. Todos os tópicos que o constituem – que destrincham o pensamento do padre e filósofo Santo Agostinho sobre o casamento – são importantes para o alcance do que ele nomeia de libidinização do sexo, ideia inaugural de um modo de decifrar o sujeito que permanece nas práticas de subjetivação até hoje, mesmo que articulados a outros conhecimentos, mecanismos de poder e maneiras de os indivíduos voltarem-se para si mesmos.

Foucault demonstra que Santo Agostinho refaz a tese dos primeiros filósofos cristãos ao desvincular a queda – o pecado original – do ato sexual em si. Segundo ele, os seres humanos já podiam ter relações sexuais antes do pecado original, mas essas seriam desprovidas de libido, isto é, do impulso involuntário que subtrai ao homem o autocontrole – domínio de si – dado por Deus em sua bondade. Para Agostinho, o pecado original está atrelado à desobediência, mais do que ao ato sexual. É esse pecado que marca os seres humanos, desde o nascimento, com a libido. Em suma, o pecado original “libidinizou” o sexo, alterando profundamente a relação do indivíduo com o próprio corpo e o desejo.

A queda provocou, pois, aquilo a que poderíamos chamar a libidinização do acto sexual: quer admitamos que este, sem a falta, poderia desenrolar-se sem libido alguma; quer suponhamos que teria feito entrar em jogo uma “libido” muito diferente da que conhecemos agora, uma vez que obedeceria exactamente à vontade. A libido, em todo o caso, manifesta-se hoje sob a forma do involuntário. Aparece nesse suplemento que se levanta para lá da vontade, mas que não é mais do que o correlativo de uma deficiência, e o efeito de uma degradação. (FOUCAULT, 2019, p. 360, adaptado).

Na interpretação agostiniana, segundo Foucault, a libido – elemento involuntário e símbolo do castigo de Deus imputado aos homens orgulhosos e desobedientes – representa o desejo (*epithumia*) que marca o ato sexual com a concupiscência, ou seja, prazeres que afastam o homem do Reino dos Céus. Após a queda, o desejo se torna uma presença universal e persistente em todos os seres humanos, sempre à espreita para se manifestar. O casamento, então, surge como uma instituição destinada a controlar o uso desse desejo, canalizando-o de forma a minimizar seu potencial libidinal. Para Foucault, Agostinho apresenta o casamento como um meio de refrear a libido, estabelecendo o desejo como uma condição essencial, universal e, em suas palavras, “meta-histórica” na experiência humana. Esse vínculo entre “o sexo, a verdade e o direito” criou, segundo Foucault, uma estrutura que nossa cultura continuamente tenciona, sem nunca resolver completamente (FOUCAULT, 2019, p. 383).

A ideia agostiniana de libidinização do sexo inaugura uma analítica do sujeito, incorporando em sua natureza um elemento de perigo constante. Com isso, inaugura-se uma teoria do sujeito que será continuamente atualizada e operada através de diversos mecanismos de saber-poder. Segundo Foucault, Agostinho “abre um campo de análise e ao mesmo tempo desenha a possibilidade de um ‘governo’ das condutas de um modo completamente diferente do da alternativa entre a abstenção ou a aceitação (mais ou menos [voluntariamente] concedida [...]) das relações sexuais” (FOUCAULT, 2019, p. 360, adaptado). Assim, a argumentação de Santo

tomos II e III, Foucault retoma, esgotado e gravemente doente, a correção da transcrição datilografada de *As Confissões da Carne*. Hospitalizado desde 3 de Junho na sequência de uma indisposição, morre na Salpêtrière a 25 de Junho de 1984” (GROS, 2019, p. 13-14).

Agostinho sobre a libidinização fabula uma verdade sobre a carne⁸, concebida como local da concupiscência e principal objeto da confissão.

Na interpretação de Michel Foucault, a análise do desejo em Santo Agostinho aprofunda as discussões abordadas, a pouco, em *História da sexualidade I*. Mesmo envolvido numa rede distinta de saber e poder, tendo os saberes científicos e as instituições disciplinares modernas como pilares no jogo de verdade, o desejo, como essência e aporte do involuntário, permanece como objeto sobre o qual se criam as verdades e a jurisdição sobre o sexo. Isto permite compreender o que Foucault afirma, na introdução à *História da sexualidade II*, acerca da relação entre a noção de desejo e o terceiro elemento da experiência – a subjetivação.

Em compensação, o estudo dos modos pelos quais os indivíduos são levados a se reconhecerem como sujeitos sexuais me colocava dificuldades bem maiores. A noção de desejo ou a de sujeito desejante constituía, então, senão uma teoria, pelo menos um tema teórico geralmente aceito. A própria aceitação parecia estranha: com efeito, era esse tema que se encontrava, segundo certas variantes, no centro da teoria clássica da sexualidade, como também nas concepções que buscavam dela apartar-se; era ele também que parecia ter sido herdado, no século XIX e no século XX, de uma longa tradição cristã. A experiência da sexualidade pode muito bem se distinguir, como figura histórica singular, da experiência cristã da “carne”: mas elas parecem ambas dominadas pelo princípio do “homem de desejo”. Em todo caso, parecia difícil analisar a formação e o desenvolvimento da experiência da sexualidade a partir do século XVIII, sem fazer, a propósito do desejo e do sujeito desejante, um trabalho histórico e crítico. Sem empreender, portanto, uma “genealogia” (FOUCAULT, 2009, p. 11).

Se as práticas de si e o modo como os homens se veem como objeto de atenção em relação à atividade sexual tinham, no contexto cristão – especialmente depois de Santo Agostinho –, a noção de desejo como condição de possibilidade, o mesmo não se dava no âmbito greco-romano analisado nos volumes II e III da obra *História de sexualidade*, em que o comportamento sexual, as atividades e os prazeres a ele relacionados eram o eixo da problematização.

Um dos traços característicos da experiência cristã da “carne”, e posteriormente a da “sexualidade”, será a de que o sujeito é levado nessas experiências a desconfiar frequentemente, e a reconhecer de longe, as manifestações de um poder surdo, ágil e temível que é tanto mais necessário decifrar quanto é capaz de se emboscar sob outras formas que não a dos atos sexuais. Uma tal suspeita não habita a experiência dos *aphrodisia*. É verdade que na educação e no exercício da temperança recomenda-se desconfiar dos sons, imagens e perfumes. Mas não porque a importância que se lhes dá seja a forma mascarada de um desejo, cuja essência consistiria em ser sexual; e sim porque existem músicas que por seus ritmos são capazes de enfraquecer a alma, porque existem espetáculos que são capazes de tocar a alma como um veneno e porque tal perfume, tal imagem, são de molde a evocar a “lembrança da coisa desejada” (FOUCAULT, 2009, p. 54).

⁸ A noção de carne, em Michel Foucault, não se restringe ao corpo físico, mas constitui uma experiência que articula corpo e alma, desejo e verdade, tornando-se central na forma como o cristianismo primitivo estrutura o conhecimento de si. A carne aparece como o campo onde se trava a luta contra o mal e onde se desenvolve uma prática de vigilância interior contínua, que visa a purificação da alma e a salvação. A carne no cristianismo está ligada à ideia de que o mal habita o interior do sujeito, exigindo um exame constante da consciência e dos pensamentos mais secretos — aquilo que os antigos autores cristãos chamavam de *arcana conscientiae*. Essa perspectiva é desenvolvida por Foucault especialmente nos livros *Do governo dos vivos* e *As confissões da carne*, nos quais ele analisa como o cristianismo institui uma nova forma de relação do sujeito consigo mesmo, baseada na interioridade, na confissão e no autogoverno. As leituras dos textos de Malcom Guimarães Rodrigues foram importantes para nossa compreensão dessa análise de Foucault sobre o cristianismo primitivo e a noção de carne. Indicamos especialmente os seguintes artigos: *A experiência da carne na genealogia foucaultiana da subjetividade* (2020), *Foucault e a noção de carne em São Paulo* (2021) e *Foucault e o governo da vontade: do instinto ao transtorno sexual* (2024).

Essa diferença é decisiva para compreender como o desejo se configura na ética greco-romana em contraste com a cristã. No mundo antigo, como mostra Foucault, desejo, prazer e ato sexual não eram tratados como elementos autônomos ou suspeitos, mas como partes de uma mesma dinâmica (2009, p. 55-57). A *epithumia*, ou desejo, não era pensada como carência interior ou como ameaça à verdade do sujeito, mas como impulso natural dirigido ao prazer. Havia, sim, uma ética do cuidado consigo, que se debruçava sobre a medida e o uso adequado dos prazeres, mas sem atribuir ao desejo um estatuto de interioridade perversa ou pecaminosa.

Essa dinâmica é definida pelo movimento que liga entre si os *aphrodisia*, pelo prazer que lhes é associado e pelo desejo que os suscita. A atração exercida pelo prazer e a força do desejo que tende para ele constituem uma unidade sólida com o próprio ato. A ética grega, nesse contexto, não visava separar ou hierarquizar esses elementos, mas conduzir o sujeito à moderação por meio da razão, sem que o desejo fosse interiorizado como um elemento a ser constantemente vigiado ou confessado. O problema ético, então, segundo Foucault, não era “quais desejos?” ou “quais atos?”, mas “com que força se é levado pelos prazeres e pelos desejos?” (2009, p. 57).

Nos volumes II e III de *História da sexualidade*, Foucault mostra que é somente com o cristianismo que se inicia uma dissociação entre esses elementos, marcada pela desvalorização do prazer e pela intensificação da problematização do desejo. O desejo passa a ser visto como marca da natureza decaída ou de uma verdade profunda do sujeito, instaurando assim um regime de verdade que exige a verbalização e o controle da interioridade. A genealogia proposta por Foucault não apenas historiciza essas transformações, mas também nos permite reconhecer que a forma moderna de subjetivação sexual não é natural, mas resultado de práticas discursivas, técnicas pastorais e saberes que reorganizaram profundamente a experiência do desejo.

Considerações finais

A análise empreendida neste artigo teve o propósito de uma breve reconstituição crítica da noção de desejo na obra de Michel Foucault, compreendendo-a como um ponto central nos jogos de verdade latentes aos modos de subjetivação na modernidade. Ao propor uma genealogia do desejo – ou do “homem de desejo” –, Foucault desloca o olhar focado em uma teoria do sujeito, que opera como noções permeadas de essencialismo psicológico, para uma análise histórica, na qual o desejo aparece como construção situada em redes de saber e poder, e não como dado natural da experiência humana.

Esse percurso permitiu demonstrar a constituição do desejo como objeto de saber e intervenção, diretamente ligado à produção de mecanismos de controle, disciplina e normalização dos sujeitos. Tais mecanismos permanecem ativos na contemporaneidade, operando em discursos classificatórios e discriminatórios, especialmente sobre sexualidades dissidentes, como os que marcaram o cenário político brasileiro nas eleições de 2018. O uso pejorativo do termo “kit gay” e a cruzada contra a chamada “ideologia de gênero” são expressões nítidas da tentativa de capturar o desejo como anormalidade, justificando práticas de censura, exclusão e regulação em nome da moral, da família e da ordem social.

Ao articular essas práticas com o diagnóstico de Wendy Brown (2019) sobre a racionalidade neoliberal, observa-se que a intensificação de discursos conservadores não representa um mero retorno ao passado, mas uma estratégia específica de governo que identifica no desejo uma ameaça à norma e à estabilidade. Nessa racionalidade, o desejo continua a ser alvo de patologização e vigilância, perpetuando formas de sujeição que excluem e marginalizam modos de vida dissidentes.

Desse modo, a genealogia do desejo proposta por Foucault não apenas historiciza os dispositivos que moldaram essa noção, mas também oferece instrumentos potentes para interrogar o presente. Ao reconhecer o desejo como produto de relações históricas e políticas, abre-se a possibilidade de resistir aos regimes de verdade que o naturalizam e capturam. Mais do que indicar um caminho ético a ser seguido, Foucault nos convida a questionar os fundamentos que sustentam as nossas formas de subjetivação, permitindo imaginar outras formas de vida que escapem à lógica da normalização e do controle.

Referências

- BROWN, Wendy. *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- CANDIOTTO, Cesar. *Foucault e a crítica da verdade*. Belo Horizonte: Autêntica; Curitiba: Champagnat, 2010.
- CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CHAVES, Ernani. Do “sujeito de desejo” ao “sujeito do desejo”: Foucault leitor de Santo Agostinho. *Revista Aurora*, Paraná, v. 31, n. 52, p. 257-277, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: vontade de saber*. São Paulo: Edições Graal, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade IV: as confissões da carne*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Subjetividade e verdade: curso no Collège de France (1980-1981)*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- GROS, Frédéric. Advertência. In: *História da sexualidade IV: as confissões da carne*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019.
- ROCHA, Zeferino. O desejo na Grécia Arcaica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 94-122, 1999.
- ROCHA, Zeferino. O desejo na Grécia Clássica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 84-116, 2000.
- ROCHA, Zeferino. O desejo na Grécia Helenística. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 98-128, 2000b.

RODRIGUES, Malcom Guimarães. A experiência da carne na genealogia foucaultiana da subjetividade. *Síntese*, Belo Horizonte, n. 147, p. 123-146, 2020.

RODRIGUES, Malcom Guimarães. Foucault e a noção de carne em São Paulo. *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 150, p. 723-746, 2021.

RODRIGUES, Malcom Guimarães. Foucault e o governo da vontade: do instinto ao transtorno sexual. *Revista Ideação*, Recife, v. 24, n. 2, p. 168-184, 2024.

TEMPLE, Giovana Carmo. O desejo no pensamento de Michel Foucault: do indivíduo ao sujeito de uma sexualidade. *Revista Lampião*, Maceió, v. 1, n. 1, p. 111-141, 2020.

Sobre os autores

Antônio Alex Pereira de Sousa

Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Cristiane Maria Marinho

Graduada em Filosofia pela FAFIFOR. Especialista em Economia Política pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestra em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e pós-doutora em Filosofia da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é Professora Emérita da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professora de Filosofia vinculada ao Mestrado Acadêmico em Serviço Social – MASS.

Recebido em: 20/06/2025

Received in: 06/20/2025

Aprovado em: 02/07/2025

Approved in: 07/02/2025